



## **Cooperativismo e organização social: uma visita à cooperativa do MST de processamento de alimentos, COOPALC.**

*Cooperativism and Social Organization: A Visit to COOPALC Food Processing Cooperative.*

QUEIROZ, Laura Marcela<sup>1</sup>; LOPES, Délcio<sup>2</sup>; SCHNEIDER, Fernanda<sup>3</sup>; SGARBI, Jaqueline<sup>4</sup>.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)<sup>1 2 3 4</sup>;  
[lauramarcela@aluno.unilab.edu.br](mailto:lauramarcela@aluno.unilab.edu.br)<sup>1</sup>; [delciolopes@gmail.com](mailto:delciolopes@gmail.com)<sup>2</sup>; [fernanda.schneider@unilab.edu.br](mailto:fernanda.schneider@unilab.edu.br)<sup>3</sup>;  
[sgarbi.jaqueline@unilab.edu.br](mailto:sgarbi.jaqueline@unilab.edu.br)<sup>4</sup>.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária**

**Resumo:** A Lei de Terras perpetuou desigualdades e concentrou a titularidade dos latifúndios no Brasil. O Contrário do que almeja a Carta Magna de 1988 - a qual busca corrigir tais problemáticas estabelecendo como princípio basilar que a propriedade cumpra a sua função social, caso contrário, seja objeto de desapropriação para fins de Reforma Agrária. Deste modo, o assentamento Zé Lourenço exemplifica o instrumento redistributivo de terra com sucesso. Neste ambiente foi possível observar que, através das ferramentas transformadoras, como as práticas agroecológicas, adoção da economia solidária e cooperativismo, foram meios imprescindíveis para que se estabelecesse uma organização coletiva para fins agrários e sociais. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de uma visita técnica de alunos do curso de Agronomia da UNILAB a um Sistema Agroalimentar, proveniente de Reforma Agrária, no qual foi possível conhecer e compreender seu modelo organizacional e, igualmente, seus desafios.

**Palavras-Chave:** assentamento; reforma agrária; luta.

#### **Contexto**

O Assentamento Zé Lourenço, localizado na cidade de Chorozinho - a 61 quilômetros (km) da capital do Estado do Ceará, Fortaleza -, ganhou destaque por sua história de lutas sociais mediante o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), além da criação da Cooperativa Regional De Produção Agroindustrial Luiz Carlos Ltda (COOPALC), que faz o beneficiamento da castanha do caju (*Anacardium occidentale*), entre outros produtos.

Em janeiro de 2023, os graduandos do curso de agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), fizeram a visita com o propósito de conhecer o assentamento, assim como a organização e desenvolvimento desse sistema que integra a produção, o consumo de alimentos e promovem uma economia baseada na solidariedade e na cooperação. Dessa forma, o presente relato vem como uma proposta de contribuição para o eixo temático



Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária, já que se ressalta o fortalecimento das lutas por direitos, o impacto social do cooperativismo e o papel dos cooperados na tomada de decisões, além de uma descrição das etapas do beneficiamento da castanha. Assim, o relato oferece uma perspectiva valiosa sobre como o cooperativismo promove uma economia mais solidária e sustentável.

### Descrição da Experiência

Ao chegarem na cooperativa, os estudantes foram recebidos por membros da Cooperativa Regional De Produção Agroindustrial Luiz Carlos Ltda - COOPALC, nomeadamente pelos senhores Francisco, Ivenilson e Karl Marx. Após a recepção, iniciou-se um momento de explicações, onde foram feitos relatos sobre as histórias de lutas por trás da criação da COOPALC (Figura 1).

Segundo o Sr. Ivenilson, a cooperativa teve um grande impacto social e econômico para os assentados e associados. Ela foi fundada em 2012, através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que se caracteriza por suas lutas a favor da distribuição justa da terra (CALDART, 2001), e foi por meio deste movimento que se deu a conquista da terra em 1996, seguida da renomeação do local, de fazenda para “Assentamento Zé Lourenço”, que atualmente conta com a presença de cerca de 71 famílias, das quais a maioria é associada à cooperativa. Esta foi criada pensando-se nas dificuldades que os produtores enfrentavam para vender os seus produtos, não apenas por não terem mercado para vendê-los, mas pela questão dos atravessadores, que não pagavam o preço merecido. Portanto, a cooperativa trouxe muitos benefícios para os cooperados, por valorizar os seus produtos e incrementar a renda das famílias.



**Figura 1.** Roda de conversa. **Fonte:** Própria, 2023.

Após o acolhimento e o relato do histórico de lutas do assentamento e da criação da cooperativa, os estudantes seguiram para a área de produção da cooperativa, onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer as etapas do beneficiamento de castanhas.



“A agroindústria de processamento e beneficiamento de caju utiliza, principalmente, a castanha – que representa 90% da renda gerada pela fruta, no Brasil –, sendo o pedúnculo aproveitado por indústrias de sucos, geleias, doces, vinho, aguardente, refrigerantes, entre outros produtos” (EMBRAPA, 2006). O processo de beneficiamento realizado pela COOPALC conta com uma máquina que seleciona as castanhas, sendo que a seleção é feita através de movimentos giratórios que a máquina realiza. A triagem é importante porque a máquina cortadora não faz o corte de diferentes tamanhos de castanha simultaneamente, daí a necessidade de homogeneizar as castanhas segundo este critério. Depois da etapa de seleção, elas são cozidas com o vapor que emana da caldeira (neste processo dá-se a extração do LCC, ou líquido da castanha de caju), levadas na máquina de corte, e em seguida, postas no forno. O processo para extração do último tecido que cobre a castanha é feito por outra máquina (Figura 2); neste caso, a película depende do produto final, ou seja, depende do tipo de castanha que se pretende produzir (natural ou salgada); finalmente, depois de todos os processos descritos as castanhas são empacotadas. Contudo, vale destacar que, o beneficiamento feito pela COOPALC agrega valor ao produto por ser feito de forma orgânica e por dar várias opções de tipos aos clientes, oferecendo ao mercado castanhas de Caju precoce e de Caju normal.



**Figura 2.** Local em que se faz o corte das castanhas, e a retirada da película.

**Fonte:** Própria, 2023.

A comercialização das castanhas beneficiadas é feita por encomenda, sendo que atualmente também são fornecidas para escolas, universidades e feiras agroecológicas. A cooperativa está iniciando a venda interestadual, enviando cerca de 400 kg do produto por mês ao Estado de São Paulo. Perguntado se há a perspectiva de exportação, o Sr. Ivenilson respondeu que sim, e que inclusive já se tem feito estudos para que isso se torne realidade. Vale também destacar que, anualmente, o destino das sobras (designação para substituir a palavra lucro) que restam das vendas, é decidido por todos os cooperados através de uma votação para designar o destino do dinheiro, seja para a manutenção da agroindústria, seja para reinvestimento.



## Resultados

Considerando a história do Brasil, o processo de distribuição de terras, em torno de 1850, favoreceu os interesses da coroa e seus aliados, resultando na exclusão e invisibilidade de certos grupos. “A Reforma Agrária pode ser encarada como uma política de intervenção estatal com vistas a corrigir uma distorção do mercado, provocada pela concentração fundiária e o conseqüente poder de mercado do latifúndio.” (CABRAL, 2021). Nesse contexto, a Reforma Agrária se destaca ao propor a redistribuição de terras ociosas e sem função social, que são utilizadas apenas para fins especulativos. “O maior desperdício, em qualquer crise econômica do tipo capitalista (devida à queda da demanda total), é a ociosidade forçada de parte substancial da força de trabalho. Há um efetivo empobrecimento da sociedade, que se concentra nos que foram excluídos da atividade econômica.” (SINGER, 2002). Segundo Singer (op. cit.), esse movimento de ‘economia solidária’ se formou a partir de uma série de tentativas de Robert Owen, que buscou melhorar as condições sociais e operárias de trabalhadores na Inglaterra, século XIX. Partindo disso, suas ideias foram disseminadas e empregadas na forma de cooperativas e, com isso, para seus cooperadores, a criação do chamado: “National Equitable Labour Exchange” (Bolsa Nacional de Trabalho Equitativo). Ou seja, temos o reflexo dessas contribuições históricas contemporaneamente. É assim que, nos assentamentos, a economia solidária pode ser impulsionada através da criação de cooperativas e empreendimentos coletivos, onde os agricultores se unem para produzir, processar e comercializar seus produtos de forma conjunta, compartilhando benefícios e decisões participativas, como é o caso do assentamento Zé Lourenço.

Para Sales, (2010): “O cooperativismo é uma forma de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, com objetivos comuns e com as mesmas dificuldades”. Neste sentido, o assentamento e a cooperativa têm um grande impacto econômico e social na vida dos cooperados, graças à agregação de valor ao produto, fornecimento de assistência técnica, facilidade na comercialização, e, sobretudo, pela construção de sociedade cada vez mais justa e equitativa. Além de aumentar a renda dos produtores rurais associados, fornecer postos de trabalho para os assentados e colocá-los como parte integradora e importante do processo de tomada de decisões. Trabalhar em conjunto permite que as suas lutas tenham maior visibilidade, e eles tenham mais força e impacto para exigir os seus direitos ao Estado.

O caju produzido de maneira agroecológica resulta em castanhas de melhor qualidade, com um maior valor agregado, o que tem um impacto positivo no beneficiamento. Compreendendo essa relação, os assentamentos promovem sistemas agrícolas que têm como objetivo principal a produção de forma economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente sustentável (evitando a utilização de agroquímicos, e respeitando a natureza), e que são os preceitos da agroecologia.



## Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aos membros que nos receberam, Francisco, Ivenilson e Karl Marx, da Cooperativa Regional de Produção Agroindustrial Luiz Carlos Ltda. (COOPALC), e ao assentamento Zé Lourenço como um todo. Foi uma experiência enriquecedora e gratificante ter tido a oportunidade de conhecer de perto o trabalho e a luta dos assentados junto com o movimento. Nos foi proporcionado uma visão mais profunda de uma das realidades rurais existentes, destacando a importância da valorização e fortalecimento das comunidades locais. Obrigado por essa valiosa experiência.

## Referências bibliográficas

CABRAL, Alysson André. **REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL: A REFORMA (IM)POSSÍVEL**. 2021. P. 48. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estudos avançados, v. 15, p. 207-224, 2001.

PAIVA, FF de A. et al. Processamento de castanha de caju. Coleção. Brasília: Embrapa, 2006.

SALES, João Eder. 03) Cooperativismo: Origens e Evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia | RBGE | ISSN 2237-1664**, v. 1, n. 1, p. 23-34, 2010.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 6ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.